

Construção de um fluxo de atendimento em uma Unidade de Pronto Atendimento, a mulheres vítimas de violência: um relato de experiência

Lohana Murussi Castilhos¹

Nathalia Machado da Silva²

Dayane de Aguiar Cicolella³

Márcia Dornelles Machado Mariot⁴

Resumo: Atualmente a violência é um grande problema de saúde pública e torna-se comum a procura das vítimas aos locais de pronto atendimento. Dentro da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, existe uma diretriz que destaca o papel da Sistema Único de Saúde (SUS) na capacitação e orientação dos profissionais na promoção, proteção, assistência e recuperação da saúde das mulheres. É de suma importância que o assunto sobre violência contra mulher seja abordado com seriedade a fim de amenizar a dor, o sofrimento e as perdas que essas mulheres sofrem perante a sociedade de modo geral. A luta para equidade social pode e deve começar dentro de espaços públicos, como uma unidade de pronto atendimento. **Objetivo:** relatar a experiência da construção e da implementação de um fluxo de atendimento em uma unidade de pronto atendimento, as mulheres vítimas de violência. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, realizado mediante intervenção prática obrigatória durante o estágio curricular, no segundo semestre de 2023. A elaboração do presente material foi realizada com base nas diretrizes do Ministério da saúde de Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher. **Resultados e discussão:** Juntamente com a Responsável Técnica de Enfermagem da unidade de pronto atendimento, foi elaborado e implementado o fluxo de atendimento as vítimas de violência de acordo com a disposição do espaço local e necessidades dos funcionários. Após discussão das possibilidades, foi organizado uma sala para o atendimento exclusivo das vítimas, com computador, pasta com fichas de notificação, lenços, cadeiras e placa de entrada. A ideia foi acolhida por todas as equipes e colocada em prática desde o primeiro dia. A secretaria de saúde do município também se fez presente a fim de conhecer o fluxo e a forma de atendimento. **Considerações finais:** A violência contra a mulher é um assunto delicado e

¹ Discente do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Cesuca. E-mail: lohana.rs@gmail.com

² Discente do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Cesuca. E-mail: nathaliamachadosilva@gmail.com

³ Discente do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Cesuca. E-mail: dayane.cicolella@cesuca.edu.br

⁴ Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Cesuca. Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente. E-mail: marciamariot@cesuca.edu.br

difícil de ser abordado pela equipe multiprofissional, mas que atinge um elevado número de mulheres, por isso, é de suma importância que os profissionais de saúde estejam aptos para acolher e ajudar essas pacientes que comumente procuram os serviços em forma de socorro, desamparadas, sem saber que rumo tomar e que medidas são cabíveis a serem tomadas. É nesse contexto, que destaca-se a importância da implementação de fluxos de atendimentos nos locais de saúde e também a necessidade de a capacitação e qualificação dos profissionais que atenderão essas mulheres.

Palavras-chaves: Saúde da Mulher; Violência contra a Mulher; Fluxo de Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres é um grande problema de saúde pública, e os serviços de pronto atendimento têm se constituído em porta de entrada para as mulheres agredidas. Os episódios de violência normalmente ocorrem dentro de seus lares, mas também podem ocorrer em qualquer esfera da sociedade e, por isso, todos nós precisamos ajudar de alguma forma, na prevenção e conscientização da população (Monteiro, *et al.*, 2006; Cruz; Irff, 2019).

Dentre os tipos de violência mais impactantes na saúde da mulher, destaca-se a violência física, que ocorre quando a pessoa, na relação de poder com a outra, causa ou tenta causar dano não acidental, usando força física ou algum tipo de arma, e provoca ou não lesões externas, internas ou ambas. Já a violência sexual é todo ato no qual uma pessoa, em relação de poder e por meio da força física, da coerção ou da intimidação psicológica, obriga uma outra a executar ato sexual contra sua vontade, ou a expõe a interações sexuais que propiciam sua vitimização e pelas quais o agressor tenta obter gratificação (Souza; Redenze, 2018; Monteiro, 2006).

Ao falarmos sobre esse tema, não poderíamos deixar de lembrar da Lei Maria da Penha, que possui um grau elevado de importância, pois é a terceira melhor lei mundial que atua na violência contra mulher, estratificando os processos de violência, física, sexual, psicológica, patrimonial e moral (Monteiro, *et al.*, 2006, Cruz; Irff, 2019).

Com relação à saúde, a Secretaria Nacional de Saúde publicou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, que propõe diretrizes para a humanização e qualidade nos atendimentos prestados às mulheres nos equipamentos de saúde. Dentre as diretrizes, destaca-se o papel do Sistema Único

de Saúde (SUS) na orientação e capacitação dos profissionais na promoção, proteção, assistência e recuperação da saúde das mulheres, com foco na perspectiva de gênero e etnia e em consonância com seus direitos. Além disso, o SUS deve atender as mulheres observando o contexto sociocultural, buscando respeitá-las em suas singularidades, sem qualquer tipo de discriminação (Brasil, 2004; Ferrante; Santos; Vieira, 2008).

Esforços para compreender e combater essas formas de violência não apenas refletem nossos valores fundamentais de igualdade e respeito, mas também têm o potencial de salvar vidas e criar um mundo mais seguro e equitativo para todas as mulheres. Este é um desafio que exige a atenção de todos nós, e juntos, podemos trabalhar para erradicar essa terrível manifestação de injustiça e opressão (Aras; Costa, 2020).

É imperativo abordar a questão da violência contra a mulher com a seriedade e urgência que ela merece. A violência de gênero é um flagelo que persiste em nossa sociedade, causando dor, sofrimento e perda de vidas. Ao examinarmos a amplitude desse problema nesta introdução, estamos dando um passo crucial em direção à conscientização e à ação. O presente artigo tem por objetivo: relatar a experiência da construção e da implementação de um fluxo de atendimento em uma unidade de pronto atendimento, as mulheres vítimas de violência

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, que é uma ferramenta da pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica (Cavalcante; Lima, 2012). Foi realizada uma intervenção obrigatória com abordagem prática, visando construir um fluxo de atendimento qualificado, devido a unidade de pronto atendimento não ter um local e nem fluxo estabelecido de atendimento para as vítimas de violência, no mês de agosto de 2023, em comum acordo com as enfermeiras que também é responsável técnica da unidade, que supervisionou todo o processo, participando ativamente do mesmo.

A elaboração do presente material tem como base as diretrizes do Ministério da Saúde de Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, visto que qualidade e humanização dos atendimentos seguem pendentes na atenção à saúde

das mulheres (Brasil, 2004).

Por ser um relato de experiência, o presente trabalho fica dispensado do parecer do Comitê de Ética em Pesquisa, utilizando apenas do regimento da Lei 9.610/98, que versa sobre os Direitos Autorais (Brasil, 1998).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A elaboração do referido fluxo de atendimento decorreu da necessidade de elaboração de uma proposta de intervenção para o estágio curricular supervisionado devido a não qualificação dos atendimentos realizados as vítimas. O planejamento foi criar um fluxograma interno da unidade para atendimento as vítimas de violência, pois quando as vítimas chegavam para serem atendidas, não tinham sala específica, circulavam pela unidade, o que dificulta para o acolhimento e o vínculo de confiança com os profissionais. Dentro do fluxograma, disponibilizamos encaminhamento para o Laboratório de Saúde Mental da Enfermagem no Centro Universitário Cesuca, para acompanhamento psicológico e apoio a essas mulheres.

Além do fluxograma, foi inaugurada a sala para atendimento, onde foi colocado um computador, cartazes, lenços, pasta contendo as fichas de notificação, para que os profissionais se desloquem para o atendimento e a paciente permaneça na mesma sala, assim facilitando a comunicação, acolhimento e vínculo.

Foi realizado a apresentação do fluxograma e inauguração da sala para a secretaria de saúde do município de Cachoeirinha. No mesmo dia da inauguração da sala, uma vítima foi atendida, onde pudemos perceber o quanto facilitou o atendimento e a mulher se sentiu mais acolhida e protegida. Foi apresentado e realizado o treinamento para ambas equipes do dia (A, B e C).

Como aspecto dificultador, se pode destacar que não foi possível a realização de uma intervenção elaborada em formato de uma reunião com todos os realização, para isso a estratégia de intervenção foi inserida no dia a dia de trabalho na unidade, onde apresentamos adaptando os horários para cada equipe.

Conforme quadro 1, mostra o fluxograma do atendimento. Conforme quadro 2, mostra o dia da inauguração da sala e apresentação da intervenção.

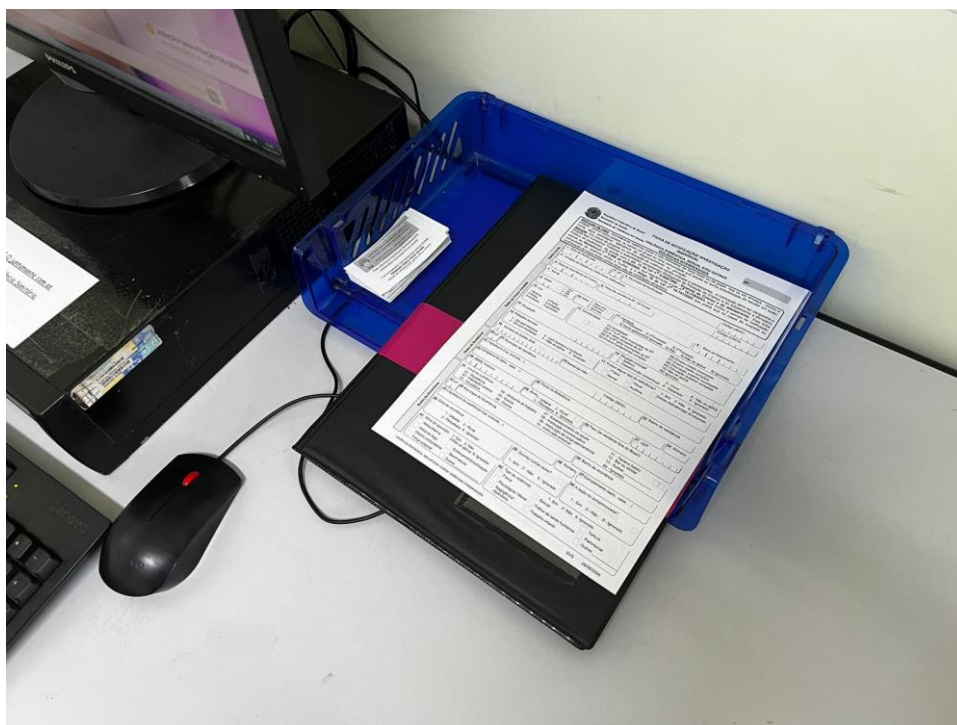
QUADRO 1 – FLUXOGRAMA DE ATENDIMENTO À VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA



Fonte: as autoras, 2023.

QUADRO 2 – REALIZAÇÃO DA INTERVENÇÃO E APRESENTAÇÃO PARA EQUIPE E PARA SECRETARIA DE SAÚDE





4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Medidas que auxiliem nos impactos sofridos pelas mulheres em decorrência da violência são cruciais e inadiáveis e exigem uma ação coletiva e abrangente em todos os níveis da sociedade. Destaca-se a urgência de enfrentar esse desafio com determinação, destacando a importância de medidas políticas, sociais e educacionais na busca por um futuro livre de violência contra a mulher.

É imperativo reconhecer que a violência contra a mulher não é um problema restrito ao âmbito privado, mas um dilema social que afeta a todos nós. A tolerância a violência é inaceitável e perpetua um ciclo de abuso. Portanto, a conscientização pública é uma peça fundamental na luta contra a violência de gênero. A educação desde cedo, nas escolas e em casa, deve promover o respeito mútuo, a igualdade de gênero e a denúncia de qualquer forma de violência.

Em termos de políticas públicas, é essencial que os governos criem e implementem legislação eficaz para combater a violência contra a mulher. Isso inclui leis que garantam a proteção das vítimas, a punição adequada dos agressores e o acesso a serviços de apoio. Além disso, é crucial que os sistemas de justiça sejam sensíveis às questões de gênero e que as vítimas se sintam seguras ao relatar abusos.

Espera-se que esta proposta de intervenção tenha um impacto positivo no atendimento qualificado a mulheres vítimas de violência e que abranja toda a equipe que atua na unidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.610**, de 19 de fevereiro de 1998.

Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, DF. 1998. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm. Acesso em: 5 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher**: princípios e diretrizes. Brasília, DF: Ministério da Saúde. 2004. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf. Acesso em: 5 set.2023.

CAVALCANTE, B.L.L.; LIMA, U.T.S. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas (RS), v. 1, n.2, p.94-103, 2012.

COSTA, I.R.S.; ARAS, L.M.B. Notificação de violência contra a mulher na saúde pública: uma questão de gênero, educação e direito. **Revista feminismo**. v.8, n.1, jan- abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismo/article/view/42604/23690>. Acesso em: 9 set. 2023.

CRUZ, M.S.; IRFF, G. Qual o efeito da violência contra a mulher brasileira na autopercepção da saúde? **Revisão review**. v.24, n.7, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2019.v24n7/2531-2542/pt>. Acesso em: 9 set. 2023.

FERRANTE, F.G.; SANTOS, M.A.; VIEIRA, E.M. Violência contra a mulher: percepção dos médicos das unidades básicas de saúde da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 13, n. 31, p. 287–299, out. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832009000400005>
Acesso em: 5 set.2023.

MONTEIRO, C.F.S. *et al.* A violência contra a mulher atendida em unidade de urgência: uma contribuição da enfermagem. **Esc Anna Nery R Enferm.** 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/mHnRppt33rqcMKkGGcwNHdH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 set. 2023.

SOUZA, T.M.C.; REZENDE, F.F. violência contra mulher: concepções e práticas de profissionais de serviços públicos. **Est. Inter. Psicol**, Londrina, v.9 n.2., maio/ago. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v9n2/a03.pdf>. Acesso em: 5 set. 2023.